



## Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório<sup>1</sup>

Janeiro, 2021

### Os gestos

<https://www.youtube.com/watch?v=JdgPvripL9A>

Existem duas imagens do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher que me impactam profundamente. A primeira é “Relativity”, de 1956. Trata-se de um conjunto de escadas impossíveis em diferentes ângulos formando um paradoxo que foi apresentado no filme *A origem*, de Christopher Nolan, na voz da personagem Ariadne (Ellen Page), pupila do arquiteto de sonhos Dom Cobb (Leonardo DiCaprio).<sup>2</sup>

A segunda imagem impactante para mim de Escher é “Drawing Hands”, de 1948. Uma mão desenha outra mão, *ad infinitum*, causando uma vertigem de não acabar mais, feito espelhos um diante do outro, feito as bonecas russas, as mamuskas, que extraímos uma dentro da outra, feito o *mise-en-abîme* de uma história dentro de outra, do escritor francês André Gide.

É com essa imagem e a recordação de alguns dos conceitos anteriormente pesquisados que abrimos os Estudos em Escrita Criativa On-line 2021, nos debruçando sobre a obra, a vida e a casa do autor de contos, romances, narrativas, livro de viagens e peças de teatro, o pernambucano Osman Lins.

A proposta de visitarmos as residências de escritores brasileiros durante 2021, ao menos em suas páginas e virtualmente, vem ao encontro de inúmeras viagens empreendidas desde 2016 nos nossos EECs. A temática da viagem, em especial, foi

---

<sup>1</sup> Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: [grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com](mailto:grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com) e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

<sup>2</sup> *A origem. Inception*. 2010. 148 min. EUA e Reino Unido. Direção: Christopher Nolan. Com Leonardo DiCaprio, Ken Watanabe, Joseph Gordon-Levitt, Marion Cotillard, Ellen Page, Tom Hardy, Cillian Murphy, Dileep Rao, Tom Berenger, Michael Caine. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=0PIg7ttyegA>

profusamente trabalhada nos Estudos On-line de 2020, e a pandemia de Covid-19 nos impôs o isolamento entre as quatro paredes de nossos lares. Particularmente, deixando de lado a necessidade do outro que nós, por sermos humanos, possuímos, ao estarmos sós em nossas casas, com nossos pensamentos, angústias, sonhos, descobrimos a matéria bruta para alargarmos o nosso escrever.

E nada melhor do que abirmos o curso de 2021 com um livro exemplar, que trata, ao mesmo tempo, do mergulho profundo no interior dos personagens e dos limites que nós, seres humanos, inexoravelmente temos, a começar pelo próprio corpo, a começar pela própria morte. Nesse livro quase inaugural de Osman Lins (o autor escreveu quando ainda jovem), descobrimos técnicas refinadíssimas de Escrita Criativa que podemos (e devemos) utilizar em nossos Estudos, assim como tentaremos alinhar com outras artes (vide os desenhos de Escher e o filme de Nolan) e outras áreas de conhecimento. Deixaremos mais detalhes da obra do autor visitado com o escritor, professor, cineasta e um dos coordenadores da especialização *lato sensu* em Escrita Criativa Unicap/PUCRS Adriano Portela.

*Os gestos* foi publicado pela primeira vez em 1957. É um livro composto por treze contos, alguns menores (cerca de três páginas), outros maiores (quase vinte). Logo na apresentação, o autor, em 1975, revisita a própria obra e confirma um dos fatos mais presentes no período da pandemia e, por isso mesmo, tão atual: a impotência.

Quando escrevi os contos aqui reunidos, todos alusivos ao tema da impotência do ser humano (ante os elementos, ante os olhos de um morto, ante a linguagem etc.), minha ambição centrava-se em dois itens: a) lograr uma frase tão límpida quanto possível; b) não alheio à voz de Aristóteles, fundir num instante único, privilegiado, os fios de cada breve composição, como se todo o passado ali se adensasse.<sup>3</sup>

Dois conceitos nos saltam aos olhos no conto de abertura que dá nome ao livro. O primeiro é o conceito de possibilidade que o mesmo Aristóteles nos revela no capítulo 9 da *Poética*.

Do que foi dito, também fica evidente que não é função do poeta realizar um relato dos eventos, mas sim daquilo que poderia acontecer e que é possível dentro da probabilidade ou da necessidade. O historiador e o poeta não se diferenciam pelo

---

<sup>3</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. 4ª edição. São Paulo: Moderna, 2003, p. 8 – Coleção Veredas.

fato de um usar prosa e o outro, versos. A obra de Heródoto poderia ser versificada, com o que não seria menos obra de história, estando a métrica presente ou não. A diferença está no fato de o primeiro relatar o que aconteceu realmente, enquanto o segundo, o que poderia ter acontecido.<sup>4</sup>

No conto de abertura e que nomeia o livro, encontramos o velho André em seu leito, sem conseguir falar, sem conseguir comunicar os sentimentos para as filhas e a esposa, mas percebendo todas as sensações do mundo exterior, aceitando a prisão que o próprio corpo e a doença lhe impõem, captando o tempo e as possibilidades que o mesmo cinge nas palavras, na vida dos seres amados ao redor.

“Para sempre exilado”, pensou. “Minhas palavras morreram, só os gestos sobrevivem. Afogarei minhas lembranças, não voltarei a escrever uma frase sequer. Iguamente remotos os que me ignoram e os que me amam. Só os gestos, pobres gestos...”<sup>5</sup>

Mariana, a filha mais nova – e preferida – entra no quarto para cuidar do pai. Alimentá-lo. Fechar a janela. Zelar o sono. E a observação do velho André, dos mínimos gestos da filha, o faz perceber o átimo de instante em que ela se transforma, de criança-adolescente em mulher adulta.

O velho André abriu os olhos. Mariana estava de costas para a janela, os cotovelos no peitoril e as mãos cruzadas sobre o ventre. Por trás dela, na linha exterior das fasquias, cintilavam gotas de água; cresciam trêmulas, deslizavam, uniam-se, caíam. Uma claridade opalina subia do pescoço, tocava o queixo da moça, banhava sua face direita e extinguiu-se na penugem da fonte. O resto das feições, mal se percebia; mas era evidente que algo se anunciava, um evento único, secreto – e ele conteve a respiração. [...] O pai não se enganara, aquele era um momento único, ela cruzava um limite: quando se afastasse, os últimos gestos da infância estariam mortos.<sup>6</sup>

## O tempo

---

<sup>4</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, textos complementares e notas: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011, p. 54-55 – Clássicos Edipro.

<sup>5</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 13.

<sup>6</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 20-21.

E este é o segundo conceito que encontramos não somente no conto “Os gestos”, quanto deslizando pelos demais doze contos do livro homônimo. O conceito de triplo presente que o filósofo, teólogo e bispo de Hipona Aurélio Agostinho nos apresenta no livro XI de suas *Confissões*.

Nenhum tempo vos é coeterno, porque Vós permaneceis imutável, e, se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? [...] O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e, se agora nada houvesse, não existia o tempo presente.<sup>7</sup>

Agostinho afirma que não existe o passado nem o futuro, apenas o átimo do presente que, vindo do futuro da expectativa, atravessa a percepção dos sentidos e se inscreve em nossas memórias, como se fosse tatuagem. Os personagens de Osman Lins em *Os gestos* realizam essa tentativa de captação do tempo mencionada e refletida à exaustão por Agostinho. E trazemos alguns exemplos no livro que estudamos do autor pernambucano para ilustrar.

Em “Reencontro”, dois amigos de infância atravessam tempo e espaço para reviver lembranças do passado. Ele enxergando-a ainda como o primeiro amor. Mas são nos gestos de Zilda que mais uma vez Osman Lins nos faz perceber a passagem inexorável do tempo.

Em silêncio, revejo nossa volta, a alegria fundida em tristeza e os ruidosos adeuses aos lugares e às coisas que nunca pudemos rever. “Sem que o soubéssemos”, penso, “quase que nos apartamos ali de nossa infância.” Pois o que veio a acontecer poucos dias depois fez-me suspeitar, não sem amargura, que alguma coisa estava morta para nós; e que em seu lugar nascera outra que ainda não entendíamos bem.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 274 – (Vozes de Bolso).

<sup>8</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 27.

“A partida” de um neto que se sente oprimido por tanto amor é o tema desse conto que foi magistralmente transposto para o cinema pela cineasta pernambucana Sandra Ribeiro.<sup>9</sup> A passagem do tempo do jovem adolescente para o homem adulto encontra-se impressa no simples gesto de um quase abraço.

Enfim, beijei sua mão, bati-lhe de leve na cabeça. Creio mesmo que lhe surpreendi um gesto de aproximação, decerto na esperança de um abraço final. Esquivei-me, apanhei a maleta e, ao fazê-lo, lancei um rápido olhar para a mesa (cuidadosamente posta para dois, com a humilde louça dos grandes dias e a velha toalha branca, bordada, que só se usava em nossos aniversários).<sup>10</sup>

Mas um dos contos que confirma de maneira inflexível a opressão do tempo, a impossibilidade do corpo é “O navio”. Narra a história de um jovem extremamente sensível que resolve lançar-se ao mar noturno de lua nova na esperança da libertação do cais, para que o navio, mesmo que naufragado, não apodreça nos braços e nas pernas de um rapaz de dezoito anos.

Uma estrela cadente precipitou-se nas águas. Como se fora buscá-la, ele mergulhou. Mas o fundo do mar estava escuro, deserto. Ele voltou a nadar, lentamente. “O navio deixa o porto empestado”, pensava. “Vai embora para o alto-mar. Não para fugir da morte. É para fugir das torturas, da angústia da peste. O navio vai embora. Não quer apodrecer no cais. Prefere afundar-se no mar e ancorar-se a uma estrela. O navio vai embora...”<sup>11</sup>

O último conto do livro revela a maior das impotências, a mais simbólica e ao mesmo tempo fluida residência do nosso espírito: a “Lembrança”. Conta a história de um menino peralta que o narrador foi um dia. E, naquele instante perdido na memória, no qual se prepara para atirar no canário tão desejado, nasce a despedida da infância.

Larguei o tiro, houve um despetalar de asas, um cintilar de gotas de água, e o pássaro caiu. Dei um grito, saí correndo pelo quintal molhado.

Depois disso, a memória como que adormece. Desperta com o vulto de uma prima em férias, bem mais velha que eu: uma noite, pretextando almas do outro mundo, levantou-se do leito e veio abraçar-se comigo. Trazia os pés descalços.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> *A partida*. 2003. 15 min. Brasil. Direção: Sandra Ribeiro. Com Paulo Autran, Geninha da Rosa Borges, Marcelo Lacerda.

<sup>10</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 40.

<sup>11</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 83.

<sup>12</sup> LINS, Osman. *Os gestos*. Op. cit., p. 102.

## A casa

Osman Lins nasceu em 5 julho de 1924, na cidade de Vitória de Santo Antão, interior de Pernambuco. A mãe veio a falecer dezesseis dias depois, por complicações do parto.

Aos dezessete anos (1941), muda-se para Recife. Aos trinta e seis (1961), reside por seis meses na França. Ao retornar, fixa residência em São Paulo. E visitamos, de maneira virtual ou real, duas de suas casas, impregnadas de escrita, como afirmou a artista plástica, de Québec, Hélène Rochette em *Maisons d'Écrivains et d'Artistes*.<sup>13</sup>

Os lares de escritores e artistas retêm a impressão de corpo a corpo com a matéria. Aqui, no segredo do palácio, foram compostas as obras cujo gênio só surgiria aos olhos do mundo um pouco mais tarde. Longe do barulho, das consagrações e dos elogios, estes lugares habitados ainda vibram com o aroma de uma presença. Como se o tempo tivesse parado, espera-se surpreender o pintor em seu cavalete, o escritor na escrivaninha. Balneários tranquilos banhados pelos grandes céus da Ille-de-France “que fazem sonhar com a eternidade”, sótãos escuros aninhados nas profundezas da cidade, retiros discretos pouco acessíveis a credores de todos os tipos... essas casas dizem o destino – glorioso ou amaldiçoado – de seus ocupantes famosos. Abrir a porta promete uma descoberta sensível e errante dos berços da criação.<sup>14</sup>

A obra de Osman Lins é dividida em duas fases. A primeira, de 1955 a 1963 – o período de *Os gestos* –, é considerada aquela da narrativa tradicional, enquanto a segunda, a partir de *Nove, novena*, em 1966, experimenta novas técnicas, atravessadas por reflexões do próprio fazer literário e de ficção.

---

<sup>13</sup> Interessante mencionar que na França, especialmente em Paris, encontramos por toda parte plaquinhas sinalizadoras informando o local das residências dos artistas, feito a do hotel no Quai Voltaire, onde o poeta Charles Baudelaire habitou por um período, e encontra-se impresso o seguinte trecho de seu livro mais conhecido:

*A aurora arrepiante em veste rosa e verde avançava lentamente sobre o Sena deserto e a sombria Paris, quando esfregando os olhos empunhasse suas ferramentas, velho trabalhador.*  
(*As flores do mal*, “O crepúsculo da manhã”, Charles Baudelaire, tradução livre minha)

<sup>14</sup> ROCHETTE, Hélène. *Maisons d'Écrivains et d'Artistes*. Paris et ses alentours. Illustrations: Pascal Paillardet. Paris: Parigramme, 2005, 4ª capa – Tradução livre nossa.

Sabemos o quanto as quatro paredes de nossas residências provocam imagens poéticas que direcionam a escritura por caminhos muitas vezes bem diferentes. Não aconteceu de outra forma com Osman Lins. Ao se lançar para o mundo, da pequena cidade de Vitória de Santo Antão para a capital pernambucana e para a França, retornando e fixando residência em São Paulo – o documentário *Um grão de claridade*,<sup>15</sup> com Elizabeth Hazin e Teresa Dias, apresenta muito bem esse universo –, transforma o interior e o exterior das quatro paredes em matéria-prima para seus cenários, personagens, enredos, escritura.

E a proposta de nossos Estudos em Escrita Criativa On-line 2021 não poderia ser diferente. Depois de nos isolarmos por quase seis meses em nossas residências, no cuidado com o outro e com nós mesmos evitando a Covid-19, fomos impregnados de escritura, banhados com ficção, poesia, relatos de cômodos, objetos, eletrodomésticos, impossibilidades, mas que ocupam, ao mesmo tempo, as possibilidades da *poiesis* maior que a história e elogiada, desde os tempos ancestrais, por um dos pais da narrativa, o filósofo grego estagirita Aristóteles.

### Filmes sobre Osman Lins e a Escrita Criativa

- 1) *Lisbela e o prisioneiro* (2003): <https://www.youtube.com/watch?v=-Rhroj4p7iQ>
- 2) *A partida* (2003): <https://www.youtube.com/watch?v=l8Bej7A3N3I> (parte I) e <https://www.youtube.com/watch?v=CCMJ199sjuc> (parte II)
- 3) *Um grão de claridade* (2018): [https://www.youtube.com/watch?v=p7YWYXgoksI&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=p7YWYXgoksI&feature=emb_logo)

### Exercício de desbloqueio

---

<sup>15</sup> *Um grão de claridade*: no percurso de Osman Lins. 2018. Brasil. Documentário, digital, cor, 20 min. Com Elizabeth Hazin e Teresa Dias. Produção e direção: Joel Yamaji. Concepção e roteiro: Elizabeth Hazin, Teresa Dias, Joel Yamaji. Fotografia e montagem: Marcelo Domingues. Som direto: Alan Zilli. Produção de linha: Davi Heller, Jônia. Música: Vivaldi – Inverno (As quatro estações).

Lembro-me mesmo que um dia havias trabalhado muito e te deitaste cedo. Eu fiquei lendo e, quando o sono veio, fechei as portas. Havia um silêncio tão grande! Os móveis brilhavam, não havia pó no chão; tudo em ordem, limpo, cuidado. Detive-me um instante à sala de jantar, como se pressentisse avizinhar-se um mistério. Contemplei o jarro de flores na mesa. Tu mesma as havias colhido pela manhã. Senti tua presença diligente na limpeza, nas flores; o carinho que depositavas em tudo. E percebi que havia algo me envolvendo: cingia-me um princípio de angústia. Na cozinha, olhei para o fogo: apagara-se. Durante o dia, estivera ativo, quente. Agora, estava morto. Era cinza. O que aconteceu em seguida foi tão ridículo e sutil, tão difícil de expressar, que nunca te contei. Eu chorei, querida.<sup>16</sup>

A partir do contato com os contos de *Os gestos* e algumas das residências de Osman Lins, criem um texto ficcional, ou um pequeno vídeo, ou podcast narrando um gesto do cotidiano, um objeto, cenário de suas casas que lhe provocaram escrita durante a pandemia.

---

<sup>16</sup> LINS, Osman. Elegiada. In *Os gestos*. Op. cit., p. 95.